

O LIVRO VERMELHO: UMA COMPREENSÃO DA PSIQUE PROFUNDA

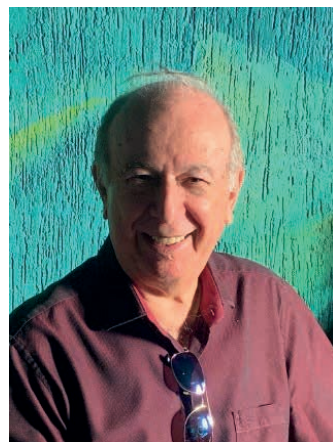
Denis Canal Mendes

Psicólogo, Psicoterapeuta, Analista-Didata da Associação Junguiana do Brasil-AJB & Instituto Junguiano de São Paulo-IJUSP membro da *International Association for Analytical Psychology-IAAP* (Zurich) e Professor de cursos de formação junguiana. Diretor do IJUSP e membro do Depto de Arte e Psicologia Analítica da AJB. Especialista em Saúde Mental-SES. Membro-fundador da Associação de Acompanhamento Terapêutico-AAT e da Novo Tempo Clínica Ampliada. Mestre em Psicologia Clínica e doutorando pelo Núcleo Estudos Junguianos-NEJ, PUCSP. Autor de livros e artigos.



Durval Luiz de Faria

Mestrado em Psicologia da Educação, Doutorado em Psicologia Clínica, pela PUC-SP. Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, Analista junguiano pelo IJUSP/AJB/IAAP, autor de *O pai possível* (2003) Educ/Fapesp, *Imagens do pai e do masculino na cultura e na clínica* (2020), *Appris* e organizador e autor de outros livros e artigos. Conferencista.



RESUMO: Esse artigo apresenta um olhar sobre o papel do *Liber Novus*: O Livro Vermelho, de Carl Gustav Jung (1875-1961) e sua relevância para a psicologia junguiana. Tem como objetivo mostrar através de autores junguianos contemporâneos, o impacto dele nos fundamentos e na prática da visão junguiana.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Vermelho. Psicologia Junguiana. Jung.

INTRODUÇÃO

O indivíduo deve entregar-se ao caminho com toda a sua energia, pois só mediante sua integridade poderá prosseguir e só ela será uma garantia de que tal caminho não se torne uma aventura absurda. (JUNG, [1959] 1975, p.75)

A história do surgimento da psicanálise e da psicologia analítica é marcada por momentos relevantes, encontros e desencontros. Nesta trajetória apontaremos uma passagem importante, na qual destacamos aqui como significativa e provocadora para o início deste trabalho.

Foi na viagem de navio realizada por Jung e Freud (1856-1939), em 1909, rumo à Universidade de Clark nos EUA, em direção ao “novo mundo”, com o objetivo de apresentar suas novas ideias e descobertas. Freud, num comentário jocoso à Jung, disse a ele que estavam “levando a peste à América”, referindo-se, metaforicamente, ao impacto que a psicanálise poderia causar aos norte-americanos, após o contato com todo esse arcabouço teórico provindo do estudo do desconhecido: o inconsciente (GAY, 1989).

A psicanálise¹, que naquela época surgia como uma teoria voltada para o estudo e o trabalho com o material inconsciente, vinha sendo desenvolvida em prol da busca de um maior conhecimento sobre o mundo interior do homem moderno. Assim, a teoria em questão, apareceu ao público provocando curiosidade e perplexidade. Freud e Jung, colaboradores até 1912, estimularam e contribuíram muito para a propagação do estudo da psique humana. Cada um à sua maneira, desenvolveu reflexões importantes sobre esse mundo. Após a separação de Freud, Jung continuou se dedicando com afinco ao estudo e mergulho no material inconsciente, desenvolvendo e ampliando a sua teoria, revendo ideias e enriquecendo, ainda mais, uma obra vasta construída ao longo da vida até pouco antes de sua morte em 1961 (BAIR, 2006).

Destacamos aqui o momento histórico de 1909: a viagem de Freud e Jung aos EUA para a Universidade de Clark, arriscando considerar que cem anos mais tarde, o Livro Vermelho ou *Liber Novus* (2009), elaborado entre o período de 1913 a 1930 por Jung, provocou a mesma curiosidade quando veio a público para o universo da comunidade junguiana.

O objetivo deste artigo é o de apresentarmos contribuições que autores junguianos contemporâneos apontam para uma compreensão do Livro Vermelho, no sentido de uma elucidação da teoria e prática junguianas, assim como dos aspectos profundos da psique.

¹ Nessa época Jung ainda não havia definido um “nome” para a sua psicologia, mas se referia a ela como psicologia profunda, termo proposto por Eugen Bleuler para todas as disciplinas que consideravam a existência do inconsciente, inclusive a psicanálise de Freud, como fator etiológico.

O LIVRO VERMELHO OU *LIBER NOVUS*

Os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida. Neles todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda a minha atividade ulterior consistiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e que inicialmente me inundara: era a matéria-prima para a obra de uma vida inteira. (JUNG, [1957] 1975, p.176)

O Livro Vermelho (L.V.) ou *Liber Novus* é fruto da experiência que C. G. Jung teve entre os anos de 1913 e 1930, principalmente quando entrou em contato com as suas emoções e imagens que emergiam do inconsciente. Naquela época, Jung, com seus trinta e poucos anos, não conseguia se identificar totalmente com a Psicanálise e com o espírito da época, deixando-se guiar pela demanda interior e, a partir dela, iniciou, o que ele mesmo nominou como “seu confronto com o inconsciente” (JUNG, [1913] 2010).²

Quando falo em espírito dessa época, (...) Eu aprendi que, além do espírito dessa época, ainda está em ação outro espírito, isto é, aquele que governa a profundidade do todo o presente. O espírito dessa época gostaria de ouvir sobre lucros e valor [...] O espírito da profundidade submeteu toda vaidade e todo orgulho à força do juízo. Ele tirou de mim a fé na ciência, ele me roubou a alegria de explicação e do ordenamento, e fez com que extinguisse em mim a dedicação aos ideais dessa época (...) (JUNG, [1913] 2013, p.109)

O L.V., conhecido também como *Liber Novus* (O Novo Livro) é um manuscrito original de 191 páginas que contém nele o *Liber Primus*, *Liber Secundus* e *Liber Tertius* (Aprofundamentos), que foi compilado e editado totalizando 371 páginas. Escrito³ e ilustrado, o L.V. retrata a experiência viva de Jung no trato em lidar com as imagens e emoções que advinham da profundidade.

Este livro, foi elaborado ao longo de anos, teve seu ápice entre 1913/1918, por conta de uma mudança paradigmática na vida de Jung. Nele, percebe-se um mergulho e existe um relato vivencial de muitos anos que implicaram num processo de autoexperimento, aprofundamento, tradução, elaboração e compreensão de toda essa experiência interior singular.

O ano de 1913 foi decisivo na vida de Jung. Ele começou um autoexperimento que veio a ser conhecido como seu “confronto com o inconsciente” e durou até 1930. Durante esse experimento, Jung desenvolveu uma técnica para “chegar ao fundo do (seu) processo interior”, “traduzir as emoções em imagens” e “compreender as fantasias que estavam se agitando subterraneamente”. (SHAMDASANI, 2010, p.xi)

Foi nesse período que Jung elaborou intuitivamente através de pinturas e desenhos⁴ o método da imaginação ativa que fará parte do repertório de técnicas

² Relatos do Livro Vermelho, 2010.

³ Livro original escrito em alemão gótico.

⁴ Que futuramente será denominado como técnicas expressivas.

utilizadas na abordagem junguiana e que, ao longo de toda a sua obra, irá desenvolver e aprimorar tal empreendimento. Este método, consistia em um diálogo subjetivo com as fantasias e imagens que emergiam do inconsciente, muitas vezes personificadas e carregadas de carga emocional. Sabe-se que foi utilizado principalmente na construção e elaboração do livro e que conjuntamente com a abordagem dos sonhos e o trabalho da tipologia psicológica, constituem os pilares dos aspectos técnicos da abordagem teórica e da clínica junguiana.

Percebe-se aqui a apresentação do método junguiano; encontramos nessa etapa uma situação nova em que Jung “é o paciente, é o terapeuta e também é o tratamento” (BOECHAT, 2014).

O L.V. permaneceu por muitos anos com os seus herdeiros e, a pedido do próprio Jung, que só fosse revelado após 50 anos da sua morte, prevendo que neste período a sua teoria já teria sido divulgada, sedimentada e compreendida no universo da psicologia (HILLMAN & SHANDASANI, 2015).

Com o lançamento do livro mundialmente em 2009 e no Brasil em 2010, observase que, quando do aparecimento ao público, lança-se mão de um material diferenciado, cheio de símbolos, com um conteúdo ímpar, apresentando a experiência pessoal do autor com as imagens do inconsciente em textos, diálogos ou através de imagens pictóricas. Feito à mão, em letras góticas, como num “livro de magia”, Jung trouxe um repertório pleno de metáforas, com temas e conteúdo míticos e parcialmente religiosos (BOECHAT, 2014).

Um livro feito com alma, composto de beleza e densidade, uma obra de arte para alguns (GIONI, 2013), causando curiosidade em todas as comunidades de psicologia e, em especial, da psicologia junguiana.

Esta publicação inédita despertou interesse em analistas e psicólogos que começaram a se aventurar no contato com esse material, numa tentativa de aprofundamento dos conhecimentos expressos, compreendendo e percorrendo o caminho que Jung descreveu através dessa experiência viva ao longo desses 16 anos.

Segundo afirmações do próprio Jung⁵, o L.V. tornou-se a base de todo seu processo criativo posterior. O envolvimento com o seu conteúdo, o estudo e o contato com as imagens que surgiam da própria experiência e proximidade com o seu inconsciente são um convite ao mergulho em nossas próprias histórias; possibilitando o aprofundamento em nossas experiências/vivências, tanto individuais quanto coletivas (SHAMDASANI, 2010).

Com o aparecimento do livro surge o interesse em estudar e mergulhar nesse material inquietante, fazendo com que diversos analistas e grupos⁶ se dedicassem ao estudo das imagens que o L.V. proporcionava, individualmente e com colegas, sempre na busca da compreensão do material relatado em suas páginas.

⁵ Shamdassani, 2010.

⁶ Vide anais do congresso VI Congresso Latino-americano em Buenos Aires, realizado em 2015.

Essas experiências mostram a repercussão que essa obra de Jung causou em relação ao desenvolvimento de sua teoria, na sua produção textual e como material crucial para o despertar dessa pesquisa.

Celebrar o caminho e o ritual que Jung fez é dar voz aos conteúdos autônomos, num exercício de paciência e sabedoria, percebendo o valor autorregulador que o inconsciente, na perspectiva junguiana, possui. Além disso, é considerar a excelência do processo de individuação e valorizar o diálogo contínuo com as imagens pictóricas representadas no livro.

Jung, no L.V., evoca aspectos da personalidade e convida aqueles que desejam engajar-se nessa jornada para irem muito além da racionalização do processo. O L.V. debate a inserção e a participação das funções inferiores da consciência, evidencia o conflito entre os opostos, tão desenvolvido nas obras completas, e sugere, através do diálogo interior, do confronto e da dificuldade conflituosa entre o espírito do tempo (época) ou “*Zeitgeist*” com o espírito das profundezas.

É possível observar no livro o desenvolvimento da teoria, o surgimento das técnicas expressivas e da imaginação ativa além do processo de individuação na construção de conversas cheias de fantasias e personificações. Os recursos da elaboração descritos no LV servem de eixo importante para a experiência de assimilação, transformação e reelaboração da personalidade que está em conflito, como uma abertura para resoluções possíveis. Quando as imagens no processo de individuação se tornam vivas, um diálogo eloquente se manifesta:

Quem vai ao encontro de si mesmo desce. Ao grande profeta, que precedeu esta nossa época, aparecem figuras lamentáveis e ridículas, elas eram as figuras de seu próprio ser. Ele não as aceitou, e remeteu-as a outro. Mas finalmente viu-se obrigado a fazer uma ceia com sua própria pobreza e aceitar por compaixão aquelas figuras de seu próprio ser [...]. (JUNG, [1917] 2013, p.344)

Notamos que os principais expoentes junguianos da atualidade, tratam de retratar suas reflexões pessoais sobre o L.V. Nota-se que, em muitos casos, tecem o próprio olhar sobre a teoria junguiana e, assim, também o fazem com relação ao L.V., propondo ampliações, associações e justificativas históricas para um papel e lugar de destaque do livro.

Uma das primeiras publicações é fruto das diversas conversas durante mais seis meses entre Sonu Shamdasani e James Hillman⁷, iniciadas em outubro de 2009⁸, que acabaram resultando no lançamento do livro *O Lamento dos Mortos: A psicologia depois de Livro Vermelho de Jung*⁹ que antecedeu a morte de Hillman¹⁰. Esses momentos de

7 HILLMAN, James (1926-2011) analista junguiano, fundador da psicologia arquetípica. Vem a falecer em outubro de 2011 após a finalização dos manuscritos que se tornaram livro. Essa publicação é lançada no Brasil pela Editora Vozes em 2015, em evento no Rio de Janeiro organizado pelo IJRJ e no Rio Grande do Sul pelo IJRS.

8 Publicação pela WW Norton & Company em inglês em 2013.

9 Publicação pela Ed. Vozes em 2015.

10 Shamdasani e Hillman finalizaram os manuscritos (projeto do livro) antes do falecimento do próprio Hillman em outono de 2011.

reflexão foram capazes de promover um importante questionamento sobre o L.V.: o que vem depois? Esse diálogo entre os dois autores traz uma reflexão importante sobre o que Jung estaria se propondo ao relatar sua experiência com o material inconsciente, e o que haveria de subliminar no conteúdo do L.V. para que após 50 anos de silêncio viesse à tona. É que ele estaria falando para os mortos; é como se ele estivesse escrevendo, conversando com seus ancestrais, ou seja, um material que não viria a público.

Os autores reiteram a ideia de que o L.V. se baseia na experiência “viva de Jung”, que integrou as imagens que eclodiam do inconsciente, transformando-as num processo criativo de integração. Por outro lado, Hillman(2015) questiona o conceito de *Self* e integração dos opostos, como também levanta a ideia se o L.V. não seria uma nova literatura que surge a partir de um olhar crítico. Como é este questionamento? Que literatura? Existe um tormento de não compreender o próprio L.V., é como se descêssemos a uma segunda camada, e lá houvesse uma elaboração lírica, uma tentativa de traduzir tudo isso dentro de uma linguagem conceitual, dar forma; porque lírico não é conceitual é algo diferente, sublime, etéreo (HILLMAN & SHAMDASANI, 2015)

Hillman e Shamdasani (2015), no livro, aprofundam questões abordadas no L.V. Na visão deles, Jung dialoga com os espíritos dos ancestrais, os mortos do passado e, todavia, presentes no inconsciente coletivo e cultural da civilização. A metáfora com relação ao tema dos mortos se faz pertinente, sendo que a pergunta suscitada por eles: o que se espera incluir, resgatar ou se manter vivo no pós L.V?

Destacamos, também, os artigos publicados no *Journal of Analytical Psychology* em 2010, 2011 e 2012 sobre o tema do L.V., o número *Two Years The Red Book* série de artigos, por conta da efervescência da produção intelectual dos analistas que, nesta, trazem o tema, retratando o quanto o livro se fez presente para a comunidade junguiana.

No artigo *Depois do Liber Novus*¹¹ (2011), Shandasani sugere, após dois anos dessa publicação, o que podemos esperar em relação a clínica junguiana, fazendo uma provocação de qual seria o significado clínico e teórico do *Liber Novus* após a publicação inicial. Faz uma investigação de como o próprio Jung refletiu sobre isso posteriormente e como trabalhou a partir de temas da alquimia, em particular a atenção dada ao tema dos opostos e sua reconciliação e, posteriormente, sua retomada em *Mysterium Coniunctionis*. Seu trabalho enquanto historiador da psicologia analítica traz paralelos sobre as mais de duas mil citações de leituras de Jung de textos alquímicos e herméticos que fazem paralelo com as imagens enigmáticas existentes no livro, um estudo de mais de 12 anos de trabalho de pesquisa e organização dos textos.

Cabe destaque especial a 4 artigos publicados no *Journal of Analytical Psychology* nesse período, pois retratam especificamente as implicações clínicas do *The Red Book* e como esses analistas, a partir do L.V., puderam refletir sob o trabalho em suas clínicas.

¹¹ *After Liber Novus* (2011).

Para Bygott (2012), o trabalho de Jung é fundamentalmente uma experiência, não uma ideia. E nessa perspectiva, tenta fazer uma ponte entre dois momentos do analista: o primeiro, quando faz conferências, seminários, cursos etc. e o segundo, no trabalho do consultório, aqui a psique é viva, considerando a influência do L.V. na prática clínica através do sutil não tem acento e imaginal. Ela trabalha as questões dos opostos da psicologia de Jung, e faz uma ampliação citando “quando o analista vai fazer conferências o seu ato é extrovertido, mais racional e apolíneo, quando está no consultório, na clínica seu trabalho é mais introvertido, aspecto menos racional é o lugar do mais profundo” (2019, p. Segundo a autora, o L.V. é o lugar da profundidade, como é no trabalho clínico e propõe isto no seu modo de trabalhar, valorizando muito esse mundo psíquico, esse interno, o que é para Jung ir em direção à alma. Através da imaginação ativa, a pessoa pode atingir níveis diferentes de profundidade, no nível de arqueologia da psique. No paralelo teórico, estudar o L.V. enriquece muito quem está estudando as obras completa (OC). Há algo de um pensamento imaginal. Lendo o L.V., você pode rastrear o que Jung estava vivendo naquela época, seus escritos estão embasados na imaginação da experiência pessoal dele. É isso que o L.V. causa, um impacto na clínica indiretamente porque mobiliza a nossa arqueologia da psique; quer dizer, influencia a forma como entendemos a psique e seu dinamismo. Ela enfatiza que o trabalho de Jung é uma experiência e nunca uma ideia.

Culliford (2012) destaca a singularidade da experiência pessoal do terapeuta e do paciente no trabalho clínico e relaciona isso com o significado do L.V. como “Odisseia Pessoal” de Jung, como também a do analista. Considera a relevância duradoura do L.V. ao lado de teorias psicológicas recentes, neurociência e escritos místicos precoces, e finaliza com uma vinheta clínica da resposta de um paciente a um pedaço de música coral e subsequente uso da imaginação ativa. O autor enfatiza a experiência da imaginação ativa experienciada no L.V. e fala da sua experiência clínica, dando foco à imaginação ativa na experiência clínica. Lembra de quando tinha lido o MSR¹² e depois o L.V., como marcos paradoxais para sua prática clínica. Cita a trajetória de Thomas Merthon¹³, apresentando sua história pessoal e fazendo um paralelo com a sua própria vida como analista, amplia e faz apontamentos sobre os aspectos do mundo arquetípico, como o descer as profundezas e voltar. A ideia principal está no renascimento. Ressalta que para atingir o trabalho clínico profundo, o analista/analizando deve alcançar o numinoso e que, para o autor, esse processo é descrito no L.V. na sua descida de Jung aos inferos e no seu retorno, e finaliza que tudo deve estar engajado nisso.

Bright (2012) sugere que o L.V. poderia ser lido como registro da autoanálise de Jung. Lembra que a ênfase do L.V. é um relato experiencial, o que viria a ser a descrição e conceituação empírica do termo individuação. O autor destaca os efeitos sincrônicos que a leitura profunda do L.V. pode trazer para a psique do analista contemporâneo e os

¹² Livro *Memórias, Sonhos e Reflexões* de C. G. Jung editado e organizado pela Aniela Jaffé (1975).

¹³ Thomas Merthon (1915/1968): monge católico e escritor do século XX.

efeitos com relação a percepção do campo mais profundo da psique, em sua perspectiva arquetípica.

Para Mackenna (2012) o L.V. mostra a longa busca de Jung pela sua alma, um sofrimento e a disposição em entrar em contato com os aspectos mais profundos da psique. Destaca que ao nos conhecermos melhor e mais profundamente, essa jornada torna-se altamente transformadora para a personalidade. O L.V. seria o manifesto de uma nova época, um novo tempo, um livro de revelações do mundo do espírito e do mundo das profundezas. Trata da questão da Psicologia e do encontro com o numinoso. O que repousa em camadas profundas da psique seria o numinoso. Assim, há uma raiz religiosa na obra psicológica de Jung, descrita nas etapas do L.V. O autor conclui que o L.V. oferece numa tentativa de resolução do conflito dos opostos numa perspectiva psicológica-teológica que forma um todo unificado.

Kawai (2012), em seu artigo, tenta investigar o L.V. de um ponto de vista prémoderno, especialmente com referência a uma perspectiva cultural e da clínica japonesa. O autor, quando se refere ao L.V., escreve que apesar da força dos conteúdos avassaladores do inconsciente, a posição do ego é notável, como um aspecto formal em todo o Livro Vermelho. Sugere a importância do ego que, na visão dele, se manifesta como uma agência de observação estável que resulta na produção de imagens claras. No caso do Japão, as visões são historicamente raras por causa da posição muito mais vaga do ego. Enquanto no *Liber Primus* o ego se manifesta através do sofrimento e da tragédia, no *Liber Secundus* tem mais distância e humor, e assume a forma de comédia. Imagens mitológicas são internalizadas como fantasia em *Liber Secundus*. Quer dizer, por exemplo, metaforicamente podemos imaginar que o renascimento de Deus não precisa ser realizado literalmente, mas por meio da internalização, como é a origem da psicologia junguiana.

Por outro lado, em seu aspecto substancial, as referências no L.V. das imagens culturais pré-modernas de sacrifício e redenção dos mortos são impressionantes. Na visão do autor, o sacrifício pode sugerir que o numinoso não deve ser experimentado como ritual e símbolo, mas requer violência e sexualidade diretas, constatações que nos inquietam e perturbam: será a literalização do processo? Kawai (2012) nos convida a revisitar tal perceptiva.

A publicação “O Livro Vermelho de C. G. Jung: Jornada para profundidades desconhecidas” Boechat (2014), com prefácio de Shamdasani, narra a trajetória e importância do livro para comunidade junguiana. O autor traz um olhar sobre as etapas de elaboração do L.V.; *Liber Primus*, *Liber Secundus* e o *Liber Tertius*, acrescentando que teria uma quarta etapa do livro, mas que estaria diretamente ligada a construção da Torre, o que seria, na sua opinião, quando Jung abandona o livro em 1930 e inicia sua construção, como também comparando com a formulação e constituição teórica das Obras Completas. Sugere que a psicologia junguiana deve ser revista, propondo reflexões sobre a prática junguiana, deixando de ser mecanicista, explorando a técnica da imaginação

ativa e, também, as ampliações no campo das técnicas expressivas, no campo da arte e no trabalho com os sonhos. Essa publicação de Boechat (2014) reverbera, a importância que o L.V. tem enquanto publicação relevante para o universo da psicologia analítica.

Nessa obra, Boechat (2014) percebeu o quanto no L.V. está o relato individual e profundo dos aspectos do processo de individuação que Jung se propõe a desenvolver: o desafio do mergulho. No L.V. alguns conceitos são estão escondidos e outros se apresentam de forma metafórica, como na figura de Elias, Salomé e Filemon. Outros autores, como Capriles (2011) e Sanford (2012) colocam algo semelhante, mas enfatizam o quanto no L.V. Jung fala do relato pessoal e autêntico, exemplificada na descrição fidedigna desse processo de renovação e renascimento (JUNG, 2010).

Para eles, Jung mergulhou numa profunda e imagética falácia conflituosa, no conflito entre o espírito do tempo e espírito das profundezas e teve coragem de trazer à luz as imagens mais perturbadoras que habitavam a sua psique. Esses autores significam o relato como o sofrimento necessário para o processo de transformação.

Em sua pesquisa sobre L.V., Guerra (2010/2014), faz um paralelo entre os conflitos internos vividos por Jung, com a dimensão amorosa conflituosa que ele estaria experienciando naquele momento de vida. No L.V., através de seus personagens, há uma tentativa de enfrentar os conflitos dos opostos, onde Guerra (2010) discorre sobre quais dificuldades Jung estava passando, do ponto de vista amoroso que seriam os geradores e produtores dessa crise de encontrar uma solução cabível para os sentimentos que o inundavam.

Podemos perceber paradoxalmente esses conflitos retratados no diálogo entre o espírito do tempo e o espírito das profundezas. E mais adiante quando verbaliza “Minha alma, onde estás? Tu me escutas?” (JUNG, 2010 p.232). Na hipótese levantada pela autora, Jung enfrentava um conflito inconciliável e tão perturbador que acabou por afastá-lo da vida pública que, na tentativa de atenuá-los, levaram-no ao enfrentamento das razões mais profundas da sua alma. Esses dois conflitos entre a vida pública de Jung em contraponto com a vida privada (especula-se uma relação extraconjugal) o que especialmente para época século XIX seria moralmente impensável, faz com que ele entre numa espiral e em contato com o confronto com o seu inconsciente.

Na visão de Corbert (2014) e Souza (2015), o L.V. traz uma elaboração dos processos vividos por Jung naquele momento histórico e que, no livro, estariam sendo descritos e assimilados os aspectos psíquicos para serem integrados a consciência em prol do desenvolvimento pessoal, dando uma nova visão e concepção de Deus; um desejo de formular um tipo de cristianismo sofisticado, de reviver o espírito *privero*¹⁴, numa forma de renascimento. Esse processo evocaria, na opinião dos autores, a dimensão organizadora do si-mesmo, descrita no L.V.. Para Corbert, consiste na compreensão das polaridades da psique e, concomitantemente, na elaboração de concepções a respeito de Deus. No L.V.,

¹⁴ Arcaico, primitivo.

aparecem concepções de Deus que não se limitam às concepções cristãs dogmáticas, sendo muitas vezes totalmente inusuais e até blasfemas. Ao final, Jung (2010) apresenta a ideia do Deus Abraxas, o Deus acima das polaridades, e defende que o homem possui dignidade suficiente para não ter que se submeter aos desígnios divinos. Ao mesmo tempo, ao longo da tese (SOUZA, 2015), discorreremos sobre a correlação entre o L.V. e as ideias que serão reunidas nas Obras Completas, como os tipos psicológicos, a anima, o *Self*, a diferença entre a religião oriental e ocidental e a individuação, é possível perceber o *opus junguiano* no L.V. insiste o autor.

Alguns autores como Souza (2015), fazem paralelo dessa concepção de Deus, o Deus Abraxas com o conceito de *Self*, proposto por Jung, numa tentativa de aprofundar sobre o tema do si-mesmo, dizendo que no L.V. os conflitos gerados se fazem presentes para que essa tensão entre os opostos possa permitir o surgimento do novo que emerge das profundezas da psique. Esse conceito central da obra de Jung pressupõem a perspectiva teleológica da psique, um sentido maior, a ideia da morte e do renascimento como o processo de transformação psicológica. Corbert (2014) vai mais longe, afirma que o L.V. confirma que a psicologia analítica é uma forma emergente de uma prática espiritual.

Giegerich (2010/2012) é mais conciso e literal: o L.V. é uma nova bíblia. Na opinião do autor, o que é apresentado no L.V. vai além dos processos empíricos descritos no próprio livro. É no “caminho daquele que virá” que realmente se é capaz de demonstrar o conteúdo concreto da noção de superestimação¹⁵ O achar esse significado é um ato de fé, em vez de simplesmente absurdo e hipertrofia. Seja como for, vemos mais uma vez que o L.V., longe de ser uma “Proposta Modesta”, estende-se hiperbolicamente ao excesso absoluto. Tem que ser isso para permitir que “o que está por vir” seja uma ruptura absoluta com o presente e deixe que o L.V. seja verdadeiramente o *Liber Novus*, a Nova Bíblia.

A familiar ideia junguiana da união em Deus do bem e do mal, de Cristo e de Satanás, também discutida no L.V., deve ser entendida nesse sentido maior. Mas quando o bem e o mal são personificados e mitificados como Cristo e Satanás, estamos de volta ao pensamento imaginário ou ontológico inocente dos opostos construídos como entidades ou princípios. Então, essa ideia de união pode ser chocante para nossas convicções morais costumeiras, mas não alucinante. O autor, Giegerich (2010/2012) faz autocritica, com essa concepção, pois nunca chegamos à ideia radical pretendida da superestimação e *OverGod*, porém os junguianos podem adotá-la como sendo algo além, sendo o L.V. santificado e revelador, por outro lado devemos aproveitá-lo até o final.

Outros autores (BISCHOP, 2012; GAILLARD, 2012; NANTE, 2015 e SOUZA, 2015) se debruçam sobre o conceito de sagrado que supõem aparecer no L.V., ficam reticentes sobre o que revela o seu conteúdo, mas são unânimes em afirmar que retrata a camada mais profunda do inconsciente, fazendo paralelos com experiência peculiar do próprio Jung. Nesse sentido, o foco do livro é o processo de individuação, na experiência do si-

¹⁵ Superestimação (Giegerich, 2010) valorização exacerbada do conceito do si-mesmo.

mesmo que é relatada por Jung durante os diálogos, episódios e pinturas descritos nos capítulos do livro.

O artigo de Lupo (2016) faz paralelo entre o L.V. e o Zaratustra de Nietzsche, que, na opinião desse autor, revelam as possíveis leituras que Jung fez de Nietzsche, elevando o seu horizonte temático e teórico. Postula que existem traços da influência deste trabalho que estão presentes na estrutura, linguagem, temas e na atmosfera do L.V., bem como referências explícitas ao próprio Nietzsche. São comuns os vestígios de suas reflexões filosóficas, suscitadas a partir de diálogos de Jung, relacionando a questão da verdade em *Ecce homo* e Zaratustra. Aqui, segundo o autor, é possível estabelecer como a “revelação da verdade” expressa por símbolos, uma “investigação da alma”, uma obra em que “o que está mais próximo, é o que realmente fala das coisas inéditas”. O personagem Zaratustra como um homem que se “sente a mais elevada espécie de existência” (LUPO, 2016), sem sucumbir a mais profunda e conciliadora alma, capaz de experimentar o tempo de maneira mais abissal e imanente do eterno retorno, como no conflito da perda da alma do L.V. e seus diálogos com o espírito do tempo e o espírito das profundezas (JUNG, 2010).

Ainda sobre o tema Zaratustra de Nietzsche, Dominici (2018) enriquece a discussão, pois cita analogias em relação aos animais. Lembra que a interpretação psicológica de “Assim Falou Zaratustra”, feita por Jung¹⁶, surge um tanto obscura, como algo misterioso e filosoficamente distante da obra de Nietzsche, mas que com o L.V. se vê contextualizada. Na maioria dos casos, Jung dá longas e detalhadas explicações, baseando-se em material mitológico, bem como material alquímico, para analisar algumas figuras de animais que não desempenham qualquer papel relevante no texto de Nietzsche. Isto é particularmente notável no caso da serpente pendurada na boca do pastor no capítulo intitulado ‘Da visão e enigma’, intimamente relacionado por Jung ao morder a garganta de Zaratustra em ‘Da picada da víbora’. Curiosamente, a maior parte dessa interpretação posterior pode ser recontextualizada e entendida se comparada com o próprio *Liber Novus*, servindo como uma lente apropriada para observar e analisar a evolução do confronto de Jung com Nietzsche. Lendo as anotações de margens de Jung, em sua própria cópia de *Zaratustra*, fica claro que ele interpretou o trabalho como uma espécie de *Liber Novus Nietzscheano*, por assim dizer - ambos sendo entendidos por Jung como obras ‘visionárias’. Dominici (2018) explora o entendimento de Jung sobre os capítulos de *Zaratustra*, ‘Da visão e enigma’ e ‘Da picada da víbora’ nos anos 30 e 50 e, em seguida, reconstrói tal entendimento com base no *Liber Novus*.

Para autores como Bauer (2014), Freitas e Richards (2014), Laughlin (2016), Fischer (2014) e Forlotti (2017), entre outros, é possível fazer paralelos entre aspectos do L.V. com o campo da arte. Há na imensidão de imagens e pinturas que o livro possui e, a partir daí, fazer analogias com a arte e, principalmente, com a arte contemporânea, trazendo à tona

¹⁶ A interpretação psicológica de *Assim Falou Zaratustra* em um seminário especificamente dedicado a Nietzsche nos anos 1934-1939.

uma possibilidade de compreensão do conceito de criativo. O livro trata da questão do acolher, transformar e expressar a criatividade que se apresenta autonomamente, e que podemos traçar paralelos com autores e artistas contemporâneos. Nesse sentido, Freitas e Richards (2014) exploram o conceito do criativo e comparam a experiência de Jung no L.V. com Diane Arbus, uma fotografa da natureza com sua atitude frente ao inesperado e que se apresenta de maneira diferente frente ao óbvio, com olhar afetivo e profundo e, do músico brasileiro Itamar Assunção, cuja criatividade era simultaneamente rigorosa, irreverente, inovadora e sempre enraizada na realidade brasileira, centro de suas preocupações.

Assim, como Bauer (2014) que trata da interação criativa do L.V. com o conteúdo das mandalas, usando como método a pesquisa heurística, hermenêutica e artística-criativa para explorar o L.V., sua intenção e significado estão relacionados ao acesso ao inconsciente. Alguns temas principais do L.V. são apresentados juntamente com mandalas e o autor conta da experiência criativa e espontânea no seu uso. O conteúdo dessas imagens que o livro apresenta, dirigem-se, de acordo com a ótica da pessoa que está lendo, a um campo inexplorado do livro, dando margens a conjecturas, paralelos e ampliações, o viés individual se prende a perspectiva e a escolhe como tema. Essa possibilidade já fala em si, do processo de individuação e dos aspectos criativos da psique e seus componentes arquetípicos constelados.

É riquíssimo perceber a dimensão ampliada de todo esse material expressivo e artístico que o L.V. revela para esses autores. Todo esse conteúdo que o livro nos apresenta torna-se atual e renovado, a partir do olhar do pesquisador contemporâneo que, com essa diversidade de olhares, faz com que esse material deixe de ser um dado histórico para se tornar um conteúdo vivo e atual.

Nante (2015), outro estudioso do L.V., vê no livro uma obra inacabada, como o próprio Shamdasani (2010) sugere, quando Jung deixa de trabalhar nele pela última vez em 1930. Essa ideia visionária, contemporânea, de algo híbrido, que inclui um projeto inacabado, sustenta as visões de Cirlot (2012), Picon Bruno (2016) e do próprio Nante (2018) que, à parte, faz uma pesquisa importante sobre o projeto L.V. e é responsável pela tradução desta obra para a língua espanhola (JUNG, 2010)

Nante (2018), em seus artigos e em especial no livro, tenta contextualizar o L.V. assim como Stein (2012) dentro da construção e a concepção das OC, aproveitando o material empírico vivido por Jung, para acenar em prol da construção conceitual, elaboração e fundamentação teórica. Nesse trabalho, que cita como legado de uma obra inacabada, aponta para a compreensão do texto alguns princípios fundamentais: o da realidade psíquica, da totalidade, da polaridade e o acontecer do processo de individuação que guiam, de modo mais ou menos implícito, o trajeto simbólico do texto.

O *Liber Novus* é a luz da própria cosmovisão junguiana, na visão do autor. Quem ingressa só com a razão crítica, o texto se mostra inexplicável. Porém, quando se deixa a razão de lado, sua letra fascina e espanta, e tal imersão em seu mar simbólico, inspira,

e sua abrangência faz uma ampliação numa perspectiva de um olhar visionário. Jung concebe estas experiências como fundamento inspirador de toda sua obra, o L.V. convida ressignificar as aproximações esquemáticas, que se realizam nos processos inconscientes. Conceitos como sombra, anima, animus, etc, quando se aplicam mecanicamente, perdem sua qualidade evocativa, se transformam em meras explicações e não incentivam a compreensão. Nesse sentido, o L.V. tenta enaltecer a construção empírica e fortalecer os aspectos intuitivos e prospectivos ali iluminados que descrevem o acontecer do processo de individuação.

Stein¹⁷ (2018) se propõe nesses seminários, discussões e conversas que passam por dar voz ao projeto L.V. de Jung. Retrata uma elaboração profunda sobre o processo de Jung, fazendo diversos paralelos com a vida contemporânea, com etapas do desenvolvimento psicológica, além de ampliar o olhar sobre o conceito de individuação, como também na constituição das suas obras completas e dos fatores constituintes da explicitação do método de imaginação ativa. Estudar as OC, concomitantemente ao estudo do L.V., segundo o autor, deve ser muito importante para aqueles que desejam entender e aprofundar a teoria junguiana. Stein (2018) enfatiza, que há no livro a descrição do processo de individuação, suas interfaces poéticas e plásticas (pintura) de um homem da nossa época.

Como um estudioso com mais de 60 anos de aprofundamento na teoria junguiana, cita alguns pilares da análise junguiana que observa no L.V.: conceito de individuação, o que acontece no relacional e no invisível, o autor cita “você não acontece, algo acontece”; a experiência em vivenciar o convite que as imagens fazem é algo impressionante. Utilizase do ato de imaginação, se apropriando do método de imaginação ativa, como é descrito no L.V. Stein (2018) lembra ainda, que da analista Barbara Hannah¹⁸, com a técnica da imaginação ativa, a forma como ela trabalhava, e como o próprio Jung, a noção de vivenciar ele mesmo, apresentado, demonstrado o método e como é possível enxergar isso subliminarmente no L.V.

Em outros seminários¹¹⁶, Stein (2017/2018), cita que o L.V. é o registro altamente estilizado do homem da meia idade, vivendo uma crise no diálogo com a sua alma. Esse diálogo contém o que o aspecto jovem com esse compromisso, com essa vida interior, em dissonância ao velho e utiliza metáforas, como “a beleza do sofrimento no final”. No livro, a primeira parte, ilustra o caminho; a segunda apresenta os sete sermões, um tipo de cosmogonia, uma visão de mundo meramente visionária. O L.V. evidência o contraste entre o espírito dos dois espíritos; o do tempo com o das profundezas; o espírito do tempo que é o horizonte que o envia para fora e o espírito das profundezas é o que vai para baixo, o individual e o solitário. A confissão da crise da meia idade está no meio da vida: o recuperar

17 Youtube seminar.

18 Barbara Hannah (1891-1986) nasceu na Inglaterra. Foi para Zurique em 1929 para estudar com Jung e viveu na Suíça o resto de sua vida, trabalhando como psicoterapeuta e como professora no Instituto C.G. Jung. Analista junguiana da 1ª geração, teve papel importante no movimento junguiano. Em sua prática clínica utilizou a técnica da imaginação ativa, seguindo os preceitos formulados por C. G. Jung. ¹¹⁶ YouTube Seminar.

a sua alma. Stein termina seminário dizendo que o caminho que Jung encontrou é o caminho solitário, onde a discussão sobre a fé e o conhecimento representam o caminho do simbólico o da perspectiva da individuação.

Sanford (2019) em seu seminário *The Red Book: An Encounter with Jung's words and images* propõe um mergulho profundo nos aspectos constituintes da construção e elaboração do L.V. de C. G. Jung. O autor, sugere uma preparação especial, com intuito de constelar um “têmenos sagrado” como experiência ritual para o contato com o *Liber Novus*. É interessante que o objetivo desse seminário é entender a relevância do L.V. para o crescimento pessoal, do processo psicoterapêutico e o da busca de sentido para a vida. Sanford, ao examinar o L.V. convida o leitor a lembrar do contexto das obras anteriores e posteriores de Jung, retomando o momento da sua crise pessoal em relação a Freud, do afastamento da Universidade da Basileia e do seu rompimento com a Sociedade de Psicanálise, quando deixa o cargo de presidente. Propondo um lugar para a obra, tanto nas histórias, como nas fantasias e nas pinturas de Jung. O objetivo do seminário foi alcançar, em vista dos tópicos a serem considerados: significado e absurdo, caos e ordem, a morte do herói interior, masculino e feminino, sombra e persona, bem e mal, razão e desrazão, sanidade e loucura – a compreensão dos opostos e a ideia da orientação de sua alma na busca do caminho.

Descrever a relevância de tais noções como o “espírito das profundezas”, sentido e absurdo, contrapondo explicação *versus* compreensão, a alma, o deserto (psicológico), a morte do herói, o processo psicoterapêutico, explicando a importância que Jung coloca na integração do masculino e feminino, do bem e do mal no processo de individuação no trabalho clínico, enfim demonstrar uma compreensão das noções junguianas de descida espiritual e sua importância para a psicoterapia.

Podemos observar e refletir que neste seminário, Sanford (2019) proporcionou uma compreensão do desenvolvimento do L.V. de Jung e o desenvolvimento das OC, além de dar um lugar para o L.V. e para a psicologia do século XX, descrevendo a relevância clínica dessa narrativa para o processo de individuação e para a prática da psicoterapia. Na verdade, Sanford tentou demonstrar uma compreensão das noções junguianas dessa descida espiritual e como ocorre a transformação no processo psicológico.

Enfim, descrevendo esse processo de levantamento bibliográfico como exploratório, pudemos traçar uma linha do tempo de 2009-2019¹⁹, na tentativa de apresentar trabalhos que pudessem abranger a multiplicidade de olhares sobre o tema do L.V. e assim criarmos condições de uma reflexão ampla e consistente sobre esta produção história de C. G. Jung.

19 Lembrando de que até finalização desta revisão comentada, os Livros Negros não haviam vindo a público.

REFLEXÕES FINAIS

O L.V. ou *Liber Novus* é uma obra épica para o século XXI, pois oferece orientação a todos aqueles que necessitam ir em busca da sua alma, no cenário atual da condição pósmoderna (ARTZ & STEIN, 2022). É também uma referência histórica para a psicologia, pois tem seu valor simbólico, destoando da elaboração dos 19 (dezenove) volumes das OC²⁰ (SHAMDASANI, 2011).

Quando o L.V. de C. G. Jung foi publicado em 2009²¹, o Dr. Sonu Shamdasani afirmou que a publicação iria transformar completamente o entendimento de Jung, de tal forma que ninguém se importaria com a literatura biográfica do período anterior e, a partir daquele momento, haveria toda uma nova tradução do *corpus* de estudos de Jung (ARTZ & STEIN, 2022).

O resgate do L.V. neste momento atual aponta para um novo olhar, novas leituras da abordagem junguiana, quer dizer; “dar nascimento ao antigo em um novo tempo é a criação” (JUNG, (1914) 2013, p.326). Esta forma de produção peculiar nos apresenta um material empírico e, todo embasado, que inclui as pilastras sedimentadas da construção teórica e de técnicas de maneira empírica, para sustentação do *opus* da obra psicológica de C. G. Jung.

Na comunidade junguiana em geral, o livro ainda está na questão do material histórico, ou na beleza de um material místico ou ainda como um *souvenir* de arte contemporânea, mas para nós analistas o L.V. abriu as janelas dos processos do trabalho clínico profundo.

Percebendo as observações dos autores a partir da revisão, o L.V. abre uma janela enorme de possibilidades. Acreditamos que a grande efervescência se dá pelo testemunho vivo e criativo no relato de Jung no próprio L.V,

O L.V. de Jung ilustra claramente como estas etapas de transformação progridem com a profundidade e amplitude de ideias compartilhadas. Como o Dr. Shamdasani previu, toda uma nova tradução do trabalho de Jung está evoluindo – e, nessa pesquisa, está a evidência desse fato, a contatação de um caminho que está por vir - o vindouro encontro “pós-moderno” com Jung e seu Livro Vermelho.

O L.V. é apenas um suplemento, uma variação dos relatos da experiência de Jung. O L.V. representa as páginas abertas das imagens a cada noite, de nossos analisandos e de nós mesmo, do espírito inconsciente que quer se revelar dentro de nós e daquilo que se faz presente, muitas vezes, como sintomas na nossa vida consciente, desta vida contemporânea.

Enfim, refletir sobre o processo e o convite que a experiência suscitada pelo L.V. são pontos de referência para uma vida inteira, pois ele é o livro de cada um de nós, que se manifesta a cada noite e, muitas vezes, escrito com o nosso sangue, com sofrimento e nas alegrias da vida (MENDES, 2019).

20 Versão revisada brasileira das Obras Completas possui 19 volumes em brochura.

21 Dr. Sonu Shamdasani se debruçou por quase 13 anos editando esta obra o L.V.

A teoria junguiana está alicerçada numa história de mais de 100 (cem) anos. Sendo assim, quando aprofundamos na referências de artigos, livros, teses etc. percebemos a imensidão de possibilidades e abrimos espaço para olhar muito além das narrativas dos autores, muitos deles analistas, pois desejamos ouvir o que há de diferente nesses discursos, descobrindo as singularidades e peculiaridades das mais diversas.

Reconhecemos o papel que o L.V. suscitou para uma produção tão vasta, tanto sobre o trabalho clínico e como na maneira como refletiram sobre a teoria, realizando comparações e ampliações de temas atuais dentro do campo da psicologia analítica.

Enfim, um espectro assombra nosso mundo hoje; seu nome é o Espírito do Tempo. Ele, então, diagnostica o mal-estar de nossa época e aborda o que todos nós precisamos fazer para nos recuperar e, assim, nos fazer crer que o Livro Vermelho pode ser o convite para a profundidade da alma. O espírito do tempo está ligado à condição pós moderna, como I.A.²², mídias sociais, relações cibernéticas, etc. O LV nos dá condições para alcançarmos o que há por baixo das aparências da pós modernidade, um convite para o invisível, para a descida, indo em direção aquilo de mais belo e profundo em nós: a nossa alma.

REFERÊNCIAS

ARZT, T.; STEIN, M. (Org.) *O Livro Vermelho de C. G. Jung para o nosso tempo*. Vol. 1 e 2. Petrópolis-RJ: Vozes, 2022.

ABALOS, M. P. Entre Miss Miller y el Libro Rojo: Símbolos de Transformação. Regresión defensiva v/s propuesta creativa (p.31). In: *Anais do VII Congresso LatinoAmericano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas*. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015.

ADAMO, A. C.; MENDES, D. C.; SOARES, M. N. de T.; SOUSA, M. V. *ExperiVivência: processo de transformação através do Livro Vermelho* (p. 31-34). In: [Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].

ADDISON, A. Lament of the Dead: Psychology after Jung's Red Book by Hillman, James & Shamdasani, Sonu. *Journal of Analytical Psychology*. v. 60, Issue 2 UK, 2015.

BAIR, D. *Jung uma biografia*. v. 1 e 2. São Paulo: Globo, 2006.

BARCELLOS, G. O Livro Vermelho (Editorial). In: [Cadernos Junguianos nº7. São Paulo: AJB, 2011].

BAUER, E. A. *An artistic journey with Carl Jung's The Red Book*. Pacifica Graduate Institute: Califórnia-USA, 2016. Disponível em: <http://www.pacifica.edu/graduate-library/counseling-masters-theses-wiki>. Acesso em: mar. 2019.

BEEBE, J. The Red Book as a work of conscience: notes from a seminar given for the 35th anual jungian conference C. G. Jung club of Orange county. *Quadrant* nº40 Issue 2: New York, 2010.

BISHOP, P. Jung's Red Book and its relation to aspects of German Idealism. (p.335-363) In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

BOECHAT, W. *O Livro Vermelho de C. G. Jung: jornada para profundidades desconhecidas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

_____, O Livro Vermelho: o livro de múltiplos caminhos. (p.7-25). In: [*Cadernos Junguianos* n° 7. São Paulo: AJB, 2011].

BYINGTON, C. A.; GUERRA, M. H.; SAIZ, M. Conflito e criatividade: o processo de individuação de Jung a partir de seu Livro Vermelho. (p.317). In: [*Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas*. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].

BYGOTT, C. The Red Book and clinical practice. (p.455-461). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

BRIGHT, G. Clinical implications of The Red Book: Liber Novus. (p.469-467). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

_____, The Red Book: Reflections on Jung's 'LiberNovus' by Kirsch, Thomas & Hogenson, George (p.284-302). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 59, Oxford, UK, 2014].

CABRAL, M. de O. *A imagem como berço do símbolo: decifrando as imagens simbólicas no Livro Vermelho de C. G. Jung*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CAPRILES, M. A. Liber Novus: El Libro Rojo. (p.62-63). In: [*Revista Venezolana de Psicología de Los Arquetipos* n°4. Venezuela, 2011].

CIRLOT, V. "Paesaggidell" anima nel "Libro Rosso" di Carl Gustav Jung. In: *La Visione*. (p.179-198) Milán-ITA, Medusa: Ed. Francesco Zambon, 2012.

_____, Visiones de Carl Gustav Jung. A propósito de El libro rojo. La voz de Filemón. (p.141-168) *Estudios sobre El libro rojo de Jung*. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna, 2012.

CORBETT, L. *The Red Book: is Analytical Psychology a New Religion?* Zurich:

CULLIFORD, P. Clinical implications of The Red Book. (p.462-468). In: [*The Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Oxford, UK, 2012].

DOMINICI, G. *Esmague a cabeça da serpente e ela o morderá no calcanhar: uma reconstrução da interpretação de Jung sobre as serpentes venenosas em Zarathustra através do Livro Vermelho*. (trad. Marcela Caroline dos S. Oliveira). v. 1 (p.1-27) Phanês, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.32724/phanes.2018.Domenici>. Acesso em: mar. 2019.

FORLOTTI, N. *The Red Book of C. G. Jung creation of a new cosmology*. Foundation Philemon, 2017.

FREITAS, L. V de. e RICHARDS, M. H. de O. Possibilidades de alteridade: o Livro Vermelho e elementos da arte contemporânea. (p.20-30). In: [*Junguiana* n° 32 (1). São Paulo: SBPA, 2014].

GAILLARD, C. The egg, the vessels and the words. From Izdubar to Answer to Job: For an imaging thinking. (p.299-334). In: [Journal of Analytical Psychology, v.57 Oxford, UK, 2012].

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia Letras, 1989.

GIEGERICH, W. Liber Novus, isto é, A Nova Bíblia. Uma primeira análise do Livro Vermelho de C. G. Jung. Trad.: Marcela Caroline dos S. Oliveira do texto original: Liber Novus, that is, the new bible. A first analysis of C. G. Jung's Red Book. In: [A Journal of Archetype and Culture n° 83. New Orleans: Spring Journal, 2010].

_____, Initial thoughts about the Red Book of C.G. Jung. [S.1] New Orleans: *Spring Journals*, 2008.

GIONI, M. *Palazzo Enciclopédico. Bienal de Veneza, 2013. Folder oficial da Mostra Il Palazzo Enciclopédico*. (1.6-24.11) Veneza-ITA: Biennale Arte, 2013.

GUERRA, M. H. M. *O Livro Vermelho: o drama de amor de C. G. Jung*. São Paulo: Linear B, 2011.

HILLMAM, J. e SHAMDASANI, S. *O Lamento dos mortos: a psicologia depois de o Livro Vermelho de Jung*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

HOPCKE, R. H. *Sincronicidade ou porque nada é por acaso*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

JUNG, C. G. e JAFFÉ, A. (org). *Memórias, sonhos e reflexões*. [1957] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JUNG, C. G. *A Função Transcendente* (p.1-23). In: [A Natureza da Psique. [1913/1930] OC, v. 8/2. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011].

_____, *A Estrutura da Alma* (p.75-96). In: [A Natureza da Psique. [1913/1930] OC, v. 8/2. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011].

_____, *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. [1948] OC, v. 9/1. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

_____, *O Livro Vermelho: Liber Novus*. [1913-1930] Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

_____, *O Livro Vermelho (edição sem ilustrações)*. [1913-1930] Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

_____, *The Red Book*. [1913-1930] New York & London: W.W. Norton & Company, 2009.

_____, *Tipos Psicológicos*. [1928] OC, v. 6. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

KIRSH, T. *Os junguianos: uma perspectiva comparativa e histórica* (p.195-201) trad.: Marcela Caroline dos S. Oliveira. Texto original: *The Junguians: A comparative and historical perspective*. London and Philadelphia: Routledge by Taylor & Francis Group, 2000.

LAUGHLIN, K. *Treasure hunting: a hermeneutical inquiry into the final painting of Liber Novus*. Pacifica Graduate Institute: Califórnia-USA, 2016. Disponível em: <http://pqdtopen.proquest.com/results.html?school=Pacifica%20Graduate%20Institute>. Acesso em: mar. 2019.

LUPO, L. "Also spricht meine Seele". O Zaratustra de Nietzsche no Livro Vermelho de Jung: a verdade como vida entre experiência e experimento. *Cadernos Nietzsche* (v.37, nº2): São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/231682422015v3702II>. Acesso em: mar. 2019.

MACKENNA, C. What implications does The Red Book have for my clinical practice? *Journal of Analytical Psychology*. v. 57, Issue 4, UK, 2012.

MATHEW, S. *Modern(ist) man in search of a soul: Jung's Red Book a modernist visionary literature*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2012. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

MENDES, D. C. *O Livro Vermelho de C. G. Jung no trabalho clínico do analista junguiano na América Latina*. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: PUCSP, 2019.

MOURA, L. O Livro Vermelho de Jung na visão de Walter Boechat. *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Online), v.14, p.1153: Belo Horizonte MG: PUCMINAS, 2016.

MILLER, N. *Jung's Red Book: confronting the unconscious through word and image*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2013. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

MORGAN, C., OLIVEIRA, I., MARTIN, D., VERA, B. e BANDEIRA, M. Liber Primus: uma aproximação ao Livro Vermelho. (p.337). In: [*Anais do VII Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana: conflicto y creatividad, puentes y fronteras arquetípicas*. Valdez, N. et. al. González, C. C. Buenos Aires: BMPress, 2015].

NANTE, B. O Livro Vermelho de Jung e o renascimento da imagem de Deus. In: [*Anais do XXIV Congresso Associação Junguiana do Brasil*, Foz do Iguaçu-PR, 2017].

_____, *O Livro Vermelho de Jung: chaves para a compreensão de uma obra inexplicável*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

_____, *El Libro Rojo de Jung: claves para la comprensión de una obra inexplicable*. Argentina: El Hilo de Ariadna, 2018.

PICON, D. B. El libro como soporte de la experiencia visionaria en los profecías iluminadas de William Blake y El Libro rojo de Carl Gustav Jung. (p.63.85). In: [*Literatura: teoría, historia*. nº19/1 Chile, Santiago: Crítica, 2016].

PROCTER, M. The Red Book of the Exchequer: a curious affair revisited *Historical Research*. v. 87, Issue 237, 2013.

SANFORD, L.D. *Reading the Red Book – Na interpretative guide to C.G Jung's Liber Novus*. Nova Orleans, Spring Journals, 2012.

_____, *The Red Book: an encounter with Jung's words and images*. A daylong seminar led. New York. USA, 2019. (Seminário via internet/mar. 2019)

SCHAWARTZ-SALANT, N. The mark of one who have seen chaos – review of C.G. Jung's Red Book. (p.11-38). In: [*Quadrant* nº40/2 – Journal of the C.G. Jung Foundation for Analytical Psychology. New York, 2010].

SHAMDASANI, S. *Jung e a Construção da Psicologia Moderna – O sonho de uma ciência*. São Caetano, Ideias&Letras, 2011.

_____, After Liber Novus. (p.363-377). In: [*The Journal of Analytical Psychology*, v. 57, Oxford, UK, 2012].

_____, *Red Book seminar*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2010. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

_____, *Call for pappers: painel on Jung's Red Book*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2010. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

SPAMO, M. *The Red Book: some notes for the beginner*. Zurich: CGJUNGPAGE, 2011. Disponível em: www.cgjungpage.org. Acesso em: mar. 2019.

SOUZA, L. *O Livro Vermelho de Jung: as polaridades da psique e as concepções de Deus*. (Tese de Doutorado). Juiz de Fora-MG: UFJF, 2015.

STEIN, M. Critical Notice (p.423-434). In: [*Journal of Analytical Psychology*, v. 55, Oxford, UK, 2010].

_____, Carl Jung's Red Book. In: [*Live From Zurich Series (2 DVDs)*]. Ashville Jung Center. Carolina do Norte, USA, 2010].

_____, What is the Red Book for analytical psychology? (p.590-606). In: [*The Journal of Analytical Psychology*, v. 56, Oxford, UK, 2011].

_____, *How to read The Red Book and why*.(p.280-298). In: [*Journal of Analytical Psychology*, v. 57, Oxford, UK, 2012].

_____, *Seminar in the Red Book Part 1, 2, 3 e 4*. USA, 2014. Disponível em: <https://youtube/CQoenP93Kb8>. Acesso em: mar. 2019.

TRILLING, J. The Red Book. (p.84-97) In: [*The Yale Review*, v. 100, UK, 2012]